

Esse texto começa com uma chave na mão. Giro a maçaneta e fecho a porta de casa, convencida de que devo experimentar pensar sobre o trabalho da Lia Chaia em movimento. Esse texto não será escrito, será transcrito a partir da gravação dos meus apontamentos durante a caminhada.

Seguir à direita ou à esquerda? Programar para onde ir ou assumir uma deriva mais livre? Não planejo nada, mas decido ir pela esquerda, parte mais movimentada da rua. São nove da noite e ainda tem carros passando, mas já quase não há pedestres. Um primeiro pensamento me incomoda: a falta de luz, à noite, vai prejudicar o experimento. Onde ficarão as cores tão intensas desse conjunto de trabalhos que Lia agora mostra na exposição *Organoide*?

Caminho lentamente. Na minha frente, as pessoas se despedem “Beijo, gente, vão com Deus” é a frase que ouço aqui do lado. É o gancho para eu pensar nesse gesto convencional, o aperto de mãos, com o qual a Lia abre a exposição. Um gesto automático, formal, quase burocrático de dar as boas-vindas. *Como vai? Como vai?* Latidos dos cachorros anunciam a minha presença nas casas em que passo pelo caminho, o que não deixa de ser um modo de me saudar. Penso naquelas mãos flutuando no espaço, apartadas de seus corpos, penduradas em móveis e que giram e se movem como uma gangorra. “Como vai? Como vai?” Por que respondemos uma pergunta com outra pergunta e ambas permanecem sem resposta? A pintura na superfície das mãos, que evoca músculos, tendões e articulações, curiosamente se junta à imagem de um teatro de marionetes onde os personagens são manipulados por fios presos à mão de alguém sempre oculto na cena. Mãos que usam seus tendões e músculos para moverem outras mãos com seus tendões e músculos. “Como vai? Como vai? Como vai?”.

Passando por uma árvore plantada próxima à guia, que exige que meu corpo se desloque, lembro de outros trabalhos da Lia em que natureza e cidade formam um par. Um interrogando o outro, buscando um diálogo às vezes conflitante, às vezes harmonioso. Penso em trabalhos como “Verdejar” em que trepadeiras, plantas tropicais, numa vasta tonalidade de verdes, invadem os muros das construções.

Já chegando na esquina, preciso decidir se sigo em frente ou se viro à esquerda. A opção da direita nem é cogitada: uma subida muito íngreme inibiria meus pensamentos. É preciso encontrar um equilíbrio entre raciocínio e esforço físico. Acabo seguindo em frente. Observo a lua embaçada no céu, criando assim um eixo vertical na caminhada que, a princípio, se estabelece no plano horizontal. Vindo em minha direção, reconheço alguém vagamente familiar, um vizinho que frequenta os restaurantes e padarias da região. Nos cruzamos.

Conforme avanço, avança também a exposição da Lia. Passada essa primeira sala, em que os objetos flutuam, chegamos no centro da galeria sutilmente modificado. Transformado no coração pulsante da exposição no qual encontra-se o vídeo *Desenho dançante* em que a artista projeta em seu próprio corpo uma série de desenhos que passam a caminhar na superfície de sua pele. Os desenhos passeiam, movendo-se, até desaparecerem. O corpo parado da artista aparece em um enquadramento específico. Sem pé nem cabeça: apenas o tronco. Assemelha-se um pouco às árvores que encontro no caminho das quais não percebo nem a raiz nem a copa, observo apenas aquilo que está na altura do meu olho. Um corpo-árvore que, embora vivo, se faz de suporte nos convidando a pensar na relação entre superfície e interioridade. Haveria alguma correspondência entre as formas que vemos passar pelo corpo da artista e seus movimentos internos? Digestão, respiração, concentração, pensamentos?

Passo por uma hamburgueria que tem duas mesas ocupadas. Chego a um posto de gasolina completamente iluminado. Desvio dos carros, das pessoas das mesas na calçada. A farmácia, observo, está aberta. Viro à esquerda novamente, numa rua bastante escura, mas que julgo segura a essa hora. Não quero voltar pelo mesmo caminho.

Os portões e janelas que escoltam meu passeio me lembram das pequenas intervenções que a artista fez na arquitetura da galeria. Vejo grades de metal, cobogós, arame farpado em forma de espiral em cima do muro alto e até um vidro fumê na janela. Na galeria, Lia não criou um ambiente completamente fechado. Mas, de certa forma, construiu uma interioridade naquele vão que - no projeto arquitetônico - funciona como espaço de articulação e comunicação entre os demais. O que há dentro de cada uma dessas casas pelas quais estou

passando agora? Será que tem alguém assistindo TV? Uma criança chorando? Na galeria vemos um espaço mais recluso, ambiente delicado, protegido, uma penumbra iluminada apenas pela luz da TV.

Volto à relação entre desenho e suporte observando as pichações e os grafites: quem passa por eles sou eu ou são eles que passam por mim? Me diverte pensar que meu corpo também é impregnado pelos desenhos e grafismos da cidade. O trabalho da Lia já me ensinou que a cidade é suporte, tanto quanto uma tela esticada num chassi.

Nessa zona mais escura do percurso, não sei se devo apertar o passo, mantê-lo na mesma frequência ou ainda andar mais devagar e cuidadosamente para evitar que tropece. Passo em frente à primeira escola do meu filho. O que me leva a outro vídeo da exposição, *Desenho com*, um trabalho em que mãe e filhas fazem um desenho espelhado. Ambas fazem o mesmo caminho, uma copiando a outra. Mas o resultado é sempre um pouco diferente. Aquele curto percurso de poucos metros que separava minha casa da escola, feito automaticamente por mim, na pressa dos dias, dos trabalhos, dos prazos, das contas, era, para meu filho, em tempos pandêmicos, toda sua circulação em espaço público. Cercada de novidades, de apreensão e desafios.

Passo pelo portão dos fundos de minha própria casa, ponto de partida dessa caminhada. Tal como o vídeo de Lia, *Desenho dançante*, frente e verso se apresentam, mas nunca simultaneamente. Os desenhos projetados no seu corpo sobrepõem-se a ele de modo a juntar essas duas presenças, fazê-las habitar o mesmo espaço. Na montagem do vídeo, as duas telas são colocadas de costas uma para outra como a engolir o volume do corpo.

Adio por um momento a volta para casa pois sinto que há mais a ser pensado. Estico o passeio até a outra esquina, mesmo sabendo que na volta vou percorrer a mesma calçada, para não aumentar demasiadamente o passeio. O cheiro da pizzaria da esquina me lembra de que ainda não jantei. Volto pelo mesmo lado que vim. Se tomarmos essa minha caminhada como um desenho, a linha que traço agora passaria em cima da outra.

No segundo andar, a exposição torna-se mais abstrata, separa-se mais da imagem do corpo físico, humano, tal como o reconhecemos. Não vemos mais o corpo da artista, suas formas femininas, sua maciez, sua beleza. Mas permanece dele algo forte, a coluna vertebral, que nossa espécie compartilha com tantas outras. Os *Organóides* são formados por placas feitas da mesma matéria das mãos de *Como vai?*. São formas arredondadas, planas, que pendem do teto criando uma linha vertical. Em cada pedaço - ou vértebra - vemos, pintadas, estruturas

orgânicas: sangue, células, membranas, nervos, músculo, gordura são algumas das palavras que me ocorrem tentando decifrar o que aquelas pequenas partes articuladas condensam. Uma variedade de tecidos em formação que se expandem verticalmente, sendo a base desse organismo ainda em construção. Em *Vértebra por Vértebra* a coluna é desmembrada, rearticulada, fragmentada, misturada a outras. Perde, aos poucos, sua função de sustentação. Há algo nelas que me lembra os diagramas de dança de Warhol, mas essa dança performada pelas colunas é também embaralhamento, confusão, dissolução. Movimentos impossíveis para o corpo humano.

Estou parada em frente a minha casa. Já é hora de entrar? Em frente ao meu portão, observando os pneus dos carros, as marcas que deixam no asfalto, vejo também ali as vértebras da Lia, espalhadas pela cidade. A chuva parece começar a querer cair nessa noite quente. O desenho que acabei de traçar nas calçadas pode se dissolver, ou se alterar, tomando formas inesperadas. Há algo dessa dissolução iminente no grande painel de desenhos que Lia monta no primeiro andar. Vemos ali o movimento das mãos, solto, ritmado. Um descondicionamento do corpo. Alguns deles foram, de fato, feitos com a mão direita (Lia é canhota). Eles pulsam e propõem articulações entre si, porém não se fecham em um único significante.

A calçada em frente a minha casa tem aquelas lajotas pretas e brancas que, montadas de um jeito específico, perfazem os contornos do Estado de São Paulo. Uma combinação simples entre lajotas pretas, brancas e metade pretas e metade brancas, dividindo o ladrilho na diagonal, gerando um desenho geométrico, modular, com ângulos precisos. Os desenhos da Lia vão em outra direção, usam cores, criam texturas, parecem estar em movimento, relacionam-se uns com os outros como seres que se atraem e repelem. Formas orgânicas que misturam fauna, flora, microrganismos... abro a porta e já estou no jardim de casa, com suas plantas, árvores, teias de aranha, insetos, flores. Uma passarela sinuosa me conduz para dentro de casa.

São Paulo. Março de 2024.